

**Notas e informações**

## A melhor solução

Será temerário dizer que as decisões já terão sido tomadas quando este editorial estiver sendo lido. O clima em que vive a Assembléia Nacional Constituinte é de tal ordem que nem mesmo os seus integrantes saberão, na manhã de hoje, como votarão horas depois. Na verdade, ao votar hoje sobre o melhor sistema de governo para o Brasil, os constituintes decidirão por convicção, por temor dos ministros militares e por consideração racional à luz da relação custo-benefício, tendo em vista as promessas feitas.

Por ser assim, e pelo fato de a decisão da Assembléia não refletir aquilo que de fato o corpo eleitoral pensa ou pode pensar sobre presidencialismo ou parlamentarismo, a decisão sobre o sistema de governo não resolverá a crise brasileira. Da mesma maneira que houve aqueles que buscaram chamar a atenção dos eleitores para a circunstância de que a feitura da nova Constituição não resolveria seus problemas mais imediatos (inflação, moradia, transportes, saúde e educação), faz-se mister dizer que não será em função de presidencialismo ou de parlamentarismo que essas questões serão encaminhadas. Que mudará no cenário brasileiro se o presidente José Sarney triunfar em suas pretensões de presidencialismo e, depois, cinco anos de mandato? Mudará, s. exa., seu estilo de governar? Teve tempo de sobejo para dizer ao que tinha vindo e não o fez. Ter-se-á dado o milagre e agora surgirá um novo presidente? Da mesma maneira, vitorioso o parlamentarismo, terá a Câmara dos Deputados condições políticas de aprovar um programa de governo, que seus principais líderes sempre repudiaram — qual seja, um programa que ponha termo à inflação e não isole o Brasil do contexto mun-

dial? Até hoje, poucas foram as vezes que se ergueram, no mundo político, em apoio às teses ortodoxas. Na defesa da heterodoxia — cuja conta sempre foi paga pelo eleitorado, ao qual se recusa agora o direito de escolher de novo e já os seus representantes — todos se manifestaram. Ou será o parlamentarismo o sistema em que a heterodoxia acabará por levar o País ao desastre?

Na verdade, presidencialismo ou parlamentarismo pouco mudarão no cenário brasileiro pela simples e boa razão de que falta convicção aos que defendem um ou outro sistema. Não a todos, evidentemente — mas quando se vê que o Planalto ou os líderes da causa parlamentarista exibem a cada dia uma pesquisa com resultados diferentes, indicando a mudança de opinião de pessoas, ou grupos de pessoas na Assembléia Nacional Constituinte, só se pode concluir que a fidelidade às idéias é muito frágil. Poder-se-á construir instituições políticas estáveis sobre opiniões tão volúveis? Afinal de contas, está-se buscando criar as condições para tornar o Brasil viável e não criando o cenário para que se cante uma ária do *Rigoletto*.

Joga-se, esta é a verdade, com interesses pessoais para resolver situação que a rigor é de interesse público. Quem viu os jornais de televisão no sábado pôde observar como o procônsul voltou abatido de seu encontro com o ministro-chefe do SNI. Até ontem presidencialista, o sr. Ulysses Guimarães parece ter-se convencido de que as urnas não o favorecerão numa eleição popular *agora* e muito menos dentro de um ano. Teria, então, passado a defender *in petto* a solução parlamentarista, na esperança de que ela vitoriosa, e contentando o chefe de Estado com um mandato de

cinco anos, a escolha do primeiro-ministro recairia sobre sua pessoa. Sonhar é sempre possível; o problema neste caso específico seria saber se o casamento de Jacó seria com a amada Raquel, ou com Lia — e como Labão pode não escolher Jacó nem querer dar-lhe a pretendida, tudo se tornou incerto. Se esse drama está sendo vivido pelo procônsul, que pela primeira vez na Novíssima República se vê diante da dramática situação de só poder realizar seus sonhos se aquele a quem impôs duras humilhações o escolher, que dizer do estado de espírito dos demais constituintes, ou da maioria deles, pobres mortais, cuja reeleição muitas vezes depende dos governadores cooptados pelo Planalto, quando não de um ministro de Sarney?

As instituições são superiores aos homens, ensina a Sociologia clássica. Porém é feita deles, apesar de tudo. Ora, se a escolha do que seria o melhor sistema de governo, ou o que mais se adapta à realidade brasileira, está sendo feita com base em padrões de comportamento tão discutíveis, que duração — em função de sua legitimidade — se pode emprestar a ele? Presidencialismo ou parlamentarismo, o sistema que for votado só terá possibilidade de não ser contestado se for aprovado por ampla maioria e se os homens incumbidos de viabilizá-lo forem feitos de estofado diverso daquele de que se compõe a grande maioria dos constituintes. Por isso, a melhor solução, hoje, seria a de votar, depois do sistema de governo, a convocação de eleições gerais imediatamente a fim de renovar a classe política de alto a baixo e permitir que tudo começasse com nova gente, de fato ligada aos sentimentos mais profundos do eleitorado e identificada com os interesses superiores da Pátria.